



CONTRACEPTIVO DE EMERGÊNCIA E UNIVERSITÁRIOS: CONHECIMENTO E USO

Andréia Brambilla¹ Tatiana Riechel² Janete Lane Amadei³

RESUMO: A contracepção de emergência (CE) é um método anticoncepcional usado para evitar uma gravidez indesejada ou não planejada, O contraceptivo de emergência também chamado de pílula do dia seguinte ou “pílula pós coital” é uma evolução da pílula anticoncepcional. Este estudo teve como objetivo identificar o conhecimento e o uso da contracepção de emergência entre universitários frequentadores de centro superior de ensino do Noroeste do Paraná. Realizou-se estudo transversal com 240 estudantes universitários, ambos os sexos acima de 18 anos devidamente matriculados independente do curso. Foi aplicado instrumento de pesquisa contendo questões abertas e fechadas abordando dados sociodemográficos (curso, faixa de idade, sexo) e conhecimento, uso e aquisição da pílula do dia seguinte. Os dados obtidos foram digitados em planilha do programa Microsoft Excel 2010 e analisados estatisticamente com o auxílio do Software Statistica 8.0. Foram entrevistados 240 universitários sendo 79,2% mulheres e 20,8% homens; 85,4% entre 18 e 25 anos; 60,5% com parceiro fixo; 18,3% afirmaram ter apresentado sintomas; observou-se que os acadêmicos de biomedicina e de farmácia indicaram maior uso da contracepção de emergência, dos quais a maioria utilizou uma ou duas vezes, e afirmaram que o medicamento pode ser vendido com uma ou duas pílulas e o tempo máximo deve ser até 24 horas; 99,2% sabe da existência da pílula; 95,0% que a mesma não previne Doenças Sexualmente Transmissíveis; 92,9% afirmaram que este método não deve ser usado de forma contínua; 58,3% referiram ter usado o método em discussão. Sendo que 30,8% usaram uma ou duas vezes, 9,6% três ou quatro vezes, 5,4% cinco vezes ou mais. Dentre estes, 87,1% afirmaram que, mesmo com o uso, não modificou a contracepção usual. Os entrevistados elencaram os seguintes motivos para uso do contraceptivo de emergência: não uso do preservativo; rompimento do preservativo; uso incorreto do anticoncepcional usual; 5,0% outros. Em relação ao uso do método, 38,3% indicaram que não sabe o tempo de uso após a relação sexual seguido de 32,9% antes de 12 horas. Sobre a necessidade de prescrição médica/receita para aquisição do contraceptivo, 55,4% afirmaram que a mesma não é necessária.

PALAVRAS-CHAVES: Anticoncepcionais Pós-Coito, Anticoncepção, Abortivos.

1 INTRODUÇÃO

A contracepção de emergência (CE) é um método anticoncepcional usado para evitar uma gravidez indesejada ou não planejada, e só deve ser utilizada em casos especiais, pois a pílula contém altas quantidades de hormônios. Diferente dos demais métodos anticoncepcionais existentes é o único utilizado após a relação sexual (SOUZA, 2008).

Um estudo realizado por Bastos (2008) com jovens universitários de São Paulo, 44,9% das entrevistadas já tinham usado a CE, e aproximadamente metade dessas jovens repetiram o uso dessa medicação por mais de uma vez. A maioria relatou ter vida sexual ativa e uso de algum método, entre eles o preservativo masculino e a pílula anticoncepcional. Em contrapartida, identificou relatos de negligência quanto ao uso, o que acarretou vários casos de gestação não planejada e abortos no grupo pesquisado (BRASIL, 2006).

Bataglião (2011), em estudo realizado com estudantes do sexo feminino com média de 21 anos, obteve que apenas 17,70% mostraram conhecimento da ação da pílula; 20,80% referiram já terem feito uso, e o principal motivo foi a falha no preservativo (38,23%). Este autor conclui que, apesar de possuírem acesso e conhecimento a métodos contraceptivos de alta eficácia e os tendo utilizado na maioria dos casos, muitas estudantes optaram pelo uso da CE diante de falhas ou esquecimento do método utilizado, ou muitas vezes apenas como um reforço na proteção de uma possível gestação (BATAGLIAO, 2011).

Silva et al. (2010) obteve que 68,9% sugerem que há risco de negligenciar uso de contraceptivos de rotina caso tenham conhecimento da CE, 47,1% das meninas disseram que usariam, 17% não usariam e 35,9% não saberiam se usariam, já os meninos, 48,9% disseram que aconselhariam o uso, 34,4% não usariam e 16,9% não saberiam se usariam. A maioria das que usariam anticoncepção de emergência achava que o método traz riscos à

¹Acadêmica do Curso de Farmácia do Centro Superior de Ensino de Maringá. Bolsista do Programa de Iniciação Científica do Unicesumar. andrea_brambilla@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Farmácia do Centro Superior de Ensino de Maringá. Copesquisadora do Programa de Iniciação Científica do Unicesumar. tatiana.riechel@live.com.pt

³ Docente do Curso de Farmácia do Centro Superior de Ensino de Maringá. Bolsista do Programa de Iniciação Científica do Unicesumar. janete.amadei@unicesumar.edu.br



saúde, que a possibilidade de uso pode estimular os adolescentes e jovens a terem relação sexual desprotegida; porém não o considerava um método abortivo.

Este método consiste na ingestão do hormônio levonorgestrel isolado, que deve ser tomado até 72 horas após uma relação sexual desprotegida, sendo mais eficaz quanto mais precoce for à ingesta. Existem dois tipos de pílula: dose única e dose dupla. Nos dois tipos também se recomenda o uso em no máximo 72 horas após a relação sexual. Esta pílula atua evitando que a mulher tenha uma ovulação, impedindo que o ovo/zigoto se fixe no útero (SCHMITZ et al.2013).

Seu uso é indicado em situações com risco de gravidez - uso inadequado de método anticoncepcional regular, rompimento de preservativo ou após um ato de violência sexual. Deve ser empregado de modo ocasional e em situações específicas mas não oferece proteção contra Doença Sexualmente Transmissível - DST (ALANO et al.,2012; Paiva e Brandão, 2014). A pílula de emergência possui mais hormônios do que a convencional, pode trazer graves consequências à saúde da mulher (SCHMITZ et al.,2013).

Este estudo foi desenvolvido com objetivo de identificar o conhecimento e o uso da contracepção de emergência entre universitários frequentadores de centro superior de ensino do Noroeste do Paraná.

2 MATERIAL E METODOS

Estudo transversal desenvolvido com estudantes universitários em centro de ensino superior privado de ensino presencial da região Noroeste do Paraná. Foram incluídos acadêmicos de ambos os sexos acima de 18 anos devidamente matriculados na instituição escolhida independente do curso; e excluídas as pessoas que se recusar a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa de campo foi realizada através da aplicação de instrumento de pesquisa contendo questões abertas e fechadas abordando dados sociodemográficos (curso, faixa de idade, sexo) e conhecimento e aquisição da pílula do dia seguinte. Os dados obtidos foram digitados em planilha do programa Microsoft Excel 2010 e analisados estatisticamente com o auxílio do Software Statistica 8.0. Foi realizado a avaliação de médias e os desvios padrão para as variáveis quantitativas. Já para as variáveis qualitativas foi utilizado tabelas de frequências com percentual e também foi utilizado o teste Exato de Fisher. O nível de significância adotado no teste foi de 5%, ou seja, foram consideradas significativas as associações cujo $p < 0,05$. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do UniCesumar (CEP CESUMAR) e aprovado conforme parecer consubstanciado nº 1.067.880 de 14/05/2015.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram avaliadas informações obtidas com base na aplicação de 240 questionários, destes 79,2% (n=190) foram respondidos por mulheres e 20,8% (n=50) por homens. A maioria dos alunos, 85,4% (n=205) tinha entre 18 e 25 anos, 7,5% (n=18) entre 26 e 30 anos, 6,3% (n=15) tinham de 31 a 45 anos e somente 0,8% (n=2) tinham mais de 45 anos.

Na questão sobre ter parceiro fixo, a maioria assinalou respostas positivas (60,5%).

Em todos os cursos o percentual de alunos com idade entre 18 e 25 anos foi superior às demais faixas etárias.

Dentre os entrevistados, apenas 18,3% (n=44) dos estudantes avaliados afirmaram ter apresentado sintomas decorrentes do uso de pílula do dia seguinte: 3,8% (n=9) com alteração de humor, 13,3% (n=32) alteração no ciclo menstrual, 0,8% (n=2) diarreia, 2,5% (n=6) dor de barriga, 5,4% (n=13) dor de cabeça, 5,4% (n=13) inchaço, 6,3% (n=15) náuseas e/ou vômitos, 4,6% (n=11) sangramento e 5,4% (n=13) sensação de seios doloridos.

Na análise entre cursos observou-se que os acadêmicos de biomedicina e de farmácia indicaram maior uso da contracepção de emergência ($p=0,0051$), dos quais a maioria utilizou uma ou duas vezes ($p=0,00096$), e afirmaram que o medicamento pode ser vendido com uma ou duas pílulas ($p=0,00930$) e o tempo máximo deve ser até 24 horas ($p=0,00525$).

Dentre as respostas obtidas, observou-se que 99,2% sabe da existência da pílula e 95,0% (228) que a mesma não previne Doenças Sexualmente Transmissíveis; 92,9% (n=223) afirmaram que este método não deve ser usado de forma contínua.

Entre os entrevistados, 58,3% (n= 140) referiram ter usado o método em discussão ($p=0,0051$). Sendo que 30,8% (n=74) usou uma ou duas vezes, 9,6% (n=23) três ou quatro vezes, 5,4% (n=13) cinco vezes ou mais. Dentre estes, 87,1% afirmaram que, mesmo com o uso, não modificou a contracepção usual.

Os entrevistados elencaram os seguintes motivos para uso do contraceptivo de emergência: 25,0% (n=60) não uso do preservativo ($p=0,6729$); 15,8% (n=38) o rompimento do preservativo ($p=0,3078$); 16,7% (n=40) o uso incorreto do anticoncepcional usual ($p=0,6574$); 5,0% (n=12) referiram outros ($p=0,2490$).

Em relação ao uso do método, 38,3% (n=98) indicaram que não sabe o tempo de uso após a relação sexual seguido de 32,9% (n=79) antes de 12 horas ($p=0,2397$). Sobre a necessidade de prescrição médica/receita para aquisição do contraceptivo, 55,4% (n=133) afirmaram que a mesma não é necessária ($p=0,2523$).



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante conhecer como o método se encontra no cenário atual, principalmente a respeito das informações que circulam entre os jovens. Considera-se que estudos investigativos com aplicação de questionário são estratégias válidas de mensuração do grau de conhecimento e utilização da pílula do dia seguinte por jovens universitários a fim de obter informações no âmbito do comportamento contraceptivo da juventude brasileira em relação à anticoncepção de emergência.

Apesar do nível de escolaridade (universitário) ser considerado com bom nível de conhecimento, observou-se que os entrevistados afirmaram desconhecer o tempo de uso após a relação sexual, sendo na maioria das vezes utilizada particularmente pelo público jovem, por quem está sob risco de gravidez ou contração de uma DST. Observa-se também que para a compra da pílula do dia seguinte não é necessário apresentação de receita, onde os jovens possuem livre acesso a compra e em alguns casos sem nenhuma orientação.

O uso da contracepção de emergência faz-se necessário em alguns casos, desde que seu uso seja realizado corretamente, desta maneira é necessária uma ampliação dos conhecimentos que os jovens possuem, focalizando o uso correto, mecanismo de ação, efeitos colaterais e os riscos envolvidos no uso deste medicamento. Sabendo que, na adolescência muitas mudanças ocorrem, faz-se necessário a criação de programas educativos que abordem temas na área, como prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, sensibilizando os alunos sobre os reais riscos.

REFERÊNCIAS

ALANO, Graziela Modolon, COSTA, Laise Nunes, MIRANDA, Luziane Righeto, GALATO, Dayani. **Conhecimento, consumo e acesso à contracepção de emergência entre mulheres universitárias no sul do Estado de Santa Catarina.** *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(9):2397-2404, 2012.

BASTOS MR, BORGES ALV, HOGA LAK, FERNANDES MP, CONTIN MV. **Práticas contraceptivas entre jovens universitárias: o uso da anticoncepção de emergência.** *Texto&Contexto Enferm.* jul/set; 17(3): 447-56. 2008.

BATAGLIÃO EML, MAMEDE FV. **Contracepção de emergência e acadêmicos de enfermagem.** *Esc Anna Nery* (impr.) abr-jun; 15 (2):284-290. 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Formulário Terapêutico Nacional: Rename 2010.** - 2. Ed -. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. p. 810-811.

PAIVA, Sabrina Pereira, BRANDAO, Elaine Reis. **A comercialização da contracepção de emergência em drogaria do município do Rio de Janeiro: aspectos éticos e metodológicos de uma pesquisa etnográfica.** *Saúde Soc.* São Paulo, v.23, n.4, p.1417-1430, 2014.

SCHMITZ, Anne Caroline, SECCO, Manoela Braganholo, PINHEIRO, Tanieler Rosseusdeutscher, CAMPOS, Ana Carla CAMPOS, ALMEIDA, Hidalgo. **Conhecimento De Adolescentes Acerca Da Contracepção De Emergência. Catussaba** – *Revista Científica da Escola de Saúde.* Ano 3, nº 1, out. 2013 / mar. 2014.

SILVA, F. C. da; VITALLE, M. S. de S.; MARANHÃO, H. de S.; CANUTO, M. H. A.; PIRES, M. M de S.; FISBERG, M. **Diferenças regionais de conhecimento, opinião e uso de contraceptivo de emergência entre universitários brasileiros de cursos da área de saúde.** *Cad. Saúde Pública*, v. 26, n. 9, p. 1821-1831, set. 2010

SPINELLI, M., SOUZA, A., VANDERLEI, L., & VIDAL, S. (2014). **Características da oferta de contracepção de emergência na rede básica de saúde do Recife, Nordeste do Brasil** . *Saúde Soc.* São Paulo, v.23, n.1, p.227-237, 2014.